

“Tomei ranço!”: hostilidade e indiferença como marca dos adolescentes e suas repercussões na clínica.

Sirley Sílvia Almeida da Silva

A palavra ranço, em seu sentido denotativo, segundo o dicionário, se refere à: “1. Alteração das superfícies de substâncias gordurosas em contato com o ar, caracterizado por cheiro forte e sabor azedo; 2. Mofo; bafio. 3. Sabor antiquado, caráter obsoleto; velharia” (LAROUSSE CULTURAL, 1999, p. 765).

No entanto, essa é uma palavra que tem se tornado cada vez mais comum no uso coloquial dos adolescentes, com o intuito de expressar aversão, repúdio, desgosto por alguma coisa ou por alguém. E, não é de surpreender que essa expressão também esteja fazendo parte da forma de os adolescentes falarem dentro do consultório. Então, ouço eles dizerem: “Tomei ranço”, “Isso me dá um ranço” e mais... talvez a expressão mais destacável de todas, quando eles dizem: “A palavra ranço me define”.

Quando me deparo com a utilização dessa expressão “antiga e nova”, vejo emergir o ódio no discurso, o ódio voltado para o outro e um tanto mais voltado para si. Um ódio consciente, gratuito, que advém da hostilidade e da indiferença em relação a si e aos outros.

No que toca a transferência, na clínica, vejo essas expressões hostis me atravessarem enquanto palavras e expressões corporais em um “Tô nem aí”, um “dar de ombros”. Esses adolescentes, aos quais me refiro, parecem fazer um esforço imenso em demonstrar que estão fechados em cápsulas impenetráveis, que nada pode os atingir. E assim, reagem diante das intervenções, como se nenhuma palavra pudesse acessá-los... mas, ainda assim, eles continuam ali. Continuam indo às sessões, mesmo que seja para falar, repetidas e incansáveis vezes sobre o quanto eles não ligam para nada e para ninguém, que “Tanto faz”.

E o que me parece, é que esse “Tanto faz”... esse “Tô nem aí”... esse “Ranço”, está repleto de um dizer que parece afirmar o oposto. Uma afirmação de que eles se importam, sim... e mais: de que isso lhes dói. É preciso dizer que odeiam o outro, por não suportar que o outro lhes odeie ou que lhes seja indiferente. Por não suportar que esse outro vá sempre embora. E talvez seja, justamente por isso, que eles permanecem. Porque eles percebem que a analista não foi embora e nem os mandou embora. Eles sabem, mesmo que através de um saber de outra ordem, que ali há alguém que pode suportar todo esse ódio. E que também percebe que essa

hostilidade está voltada para eles mesmos; por uma dificuldade em lidar com as mudanças pelas quais passam; com a entrada dolorosa e solitária no mundo adulto.

Nesse sentido, em um vídeo de pouco mais de um ano atrás, Christian Dunker falou brevemente sobre o Narcisismo e a Cultura da Indiferença. E as semelhanças com o que tenho visto na clínica são diversas. Dunker afirmou que a indiferença se transformou em um local onde se deposita aquilo de que não se gosta, que se considera estranho. Assim, os sujeitos constroem muros ou bolhas onde não há troca, há apenas o próprio sujeito e suas concepções, seu jeito de enxergar o mundo por uma única perspectiva. O outro passa a não importar, não interessa, é indiferente.

Embora esse seja um fenômeno cultural, que atinge as mais diversas idades, nos adolescentes essa atitude parece ficar mais evidente, pois eles acabam por não se preocupar de fingir se importar. O desinteresse pelo outro e por tudo o que é diferente de seu gosto fica nítido e é demonstrado com clareza em seu olhar, fala e atitudes. Eles simplesmente se esquivam, desviam das diferenças. Se eles, os adolescentes, vão assistir um filme, eles já sabem mais ou menos do que se trata. O mesmo ocorre com as séries e os livros. Parece não haver beleza no inesperado, na surpresa. Tudo precisa estar dentro da zona de controle, afirma Dunker (2017). E talvez não seja à toa ou por uma simples questão mercadológica que os apartamentos ficam cada vez menores, havendo espaço para apenas “um”. Cada vez menos pessoas são convidadas a entrar na casa, no mundo umas das outras.

Dunker afirmou ainda que esse fenômeno cultural contribui para o empobrecimento pessoal, visto que é através da diferença, da troca com o outro que o sujeito cresce e se enriquece. E diante disso, vejo adolescentes e jovens, aparentemente, cada vez mais despreparados para a vida, para o mundo. Tornam-se pessoas frágeis diante do social, qualquer atitude os fere e eles dizem não se importar, e o “ranço” se instala e eles fogem. E fogem para lugares difíceis, perigosos, como a depressão, o consumo excessivo de álcool, drogas, o culto ao corpo e as horas a fio, passadas dentro de uma academia na companhia de seu fone de ouvido.

Em um texto recentemente discutido no CEF, sobre “A juventude e o ódio” escrito por Hélène L’Heuillet, e traduzido por Amélia Lyra, foi possível encontrar uma menção ao tédio, abordado diante da própria etimologia da palavra, que significa: estar com ódio. Nessa perspectiva, vejo a possibilidade de uma relação entre a ideia de tédio e de ranço, que trazem, inevitavelmente a presença do ódio – ou mais propriamente, do gozo do ódio. Dadas as devidas proporções, de uma questão que passa do individual ao coletivo e vice-versa, os jovens de nossa sociedade, hoje, são igualmente odientos e radicais. Escolhem conviver apenas com os que

pensam igual ou, se não for assim, preferem não conviver com ninguém, reduzindo sua vida ao campo virtual.

No entanto, certamente isso não ocorre sem danos. A redução extrema do campo de convivência pode ir além do empobrecimento das relações, fazendo com que todo esse ódio inexplicável se volte para o próprio sujeito e então, surge uma possibilidade grande de que, além de outras formas de maltratar a si mesmo, o sujeito passe a se ferir no real do corpo, através das escarificações. Tentativas de apagar uma dor incompreensível não simbolizada. Assim suponho, embasada por David Le Breton (2010), quando afirma em seu texto que,

Os ataques ao corpo tentam restabelecer uma contenção para a pele através do estabelecimento regular, não de um invólucro de sofrimento (Anzieu, 1985, p. 109), mas de um invólucro de dor que permite justamente o controle do sofrimento. Essa última é da ordem do incontrolável e da evasão de si, a dor auto infligida não possui tal virulência, ela é uma sobrecarga dolorosa, mas que vem justamente para conter o sofrimento que existe na vida e no interior da pessoa. A oferenda da dor é uma tentativa de aliviar o sofrimento. Ela restaura uma função defeituosa de vínculo com o mundo (p. 34).

Assim, percebo, com base nas observações clínicas, que essa dinâmica contemporânea de pessoas e sobretudo de adolescentes desinteressados, que evitam cada vez mais os outros, contribui diretamente para a formação de uma redoma de angústia e de ódio. Talvez todo esse ranço, essa hostilidade, enfim, não esteja voltada para o mundo, mas sim para si mesmos. Tem ranço de si, desgosto de si e conseqüentemente, de todo o mundo.

E é por isso que, assim como os adolescentes permanecem indo as sessões e lançando para todos os lados suas palavras e gestos cortantes, os analistas se sentem também instigados a permanecer, pois sabem, pois sabemos que, a fala, a linguagem, a palavra ainda é o melhor antídoto para o sofrimento e a dor que vem de dentro.

REFERÊNCIAS

DUNKER, Christian. Narcisismo e a cultura da indiferença. 2017. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=NSQeGipn5Zw>

LAROUSSE CULTURAL. Grande Dicionário Larousse Cultural da Língua Portuguesa. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LE BRETON, David. **Escarificações na adolescência**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 25-40, jan./jun. 2010

L'HEUILLET, Hélène. A juventude e o ódio. Trad. Amélia Lyra. *Conferência pronunciada na Maison de l'Amérique latine, dentro do ciclo de conferências organizadas pelo Cartel franco-brasileiro de psicanálise, sobre o tema Massas com líder e massas sem líder: aproximações da subjetividade contemporânea*. 2017.